



Oswaldo Cruz

GAZETA MEDICA DA BAHIA

VOL. XLVIII

FEVEREIRO - 1917

N. 8

Oswaldo Cruz

Não é dos instantes que se seguem á morte, quando a commoção nos perturba e empolga, a oportunidade de falar dos grandes homens, lembrar-lhes a trajetória terrena, os seus feitos, os seus trabalhos, a parte da sua contribuição pessoal para a magna obra commun da perfeição humana.

Ha passagens que escapam a uma vista de conjuncto, ha pequenos factos, ás vezes nugas apparentes, mas, na realidade transes decisivos, que a visão do momento não logra perceber e ainda menos filiar-lhes a ligação, discernir-lhes a responsabilidade, gisando o commentario opportuno, fiel e verdadeiro.

Na vida dos grandes homens muito ha que colher e apontar á admiração e respeito dos que lhe sobrevivem; allegando-lhes as qualidades superiores e peregrinas virtudes, é mistér arrolar os factos em que avultou a sua individualidade, medrou o seu engenho, affirmou-se a sua força.

Sobre OSWALDO CRUZ menos pôde falar, no momento, quem escreve estas linhas. É bem o facto de o ter conhecido de perto, que agora perturba e annulla qualquer tentativa seria de lhe bosquejar em traços seguros o perfil de super homem.

Foi Oswaldo, no Brazil, o typo perfeito do scientista, o verdadeiro sabio que veio dos estudos pacientes do laboratorio, annos a fio na Europa, onde formou a aua personalidade scientifica, dotando-a do incomparavel saber, que todos lhe admiravam.

Era assombrosa a sua erudição, sempre presente numa amplitude de conhecimentos que só as grandes intelligencias podem abranger.

Sobre qualquer assumpto das sciencias que cultivava, os seus discipulos lhe encontravam recursos para desfazer duvidas, podendo, apenas o ouvissem, retomar o fio acaso interrompido das experiencias e pesquisas.

No glorioso Instituto que lhe tem o nome areolado foi elle o inspirador de quasi todo os trabalhos originaes, alli magistralmente desdobrados pelos seus discipulos, hoje todos elles mestres respeitados nas especialidades que adoptaram.

O seu espirito, organizador por excellencia, já revelado na direcção da Saude Publica do Rio, sublimou em Manguinhos. De feito, só elle era capaz de prover todas as difficuldades, evitar todos os inconvenientes, reunir todas as vantagens, em summa, sonhar e realizar toda a perfeição daquelle complicado aparelhamento mecanico nos multiplos trabalhos que alli se executam.

Por isto, e pela inspiração superior, illuminada e omnimoda do chefe sem egual, a produção scientifica foi sempre farta e escorreita no *Instituto*, sempre capaz de impressionar nos grandes centros de cultura medica, como obras de sciencia, conduzidas a primor em meio ás difficuldades contingentes das provas experimentaes.

No *Instituto* todos lhe acatavam o parecer decisivo e o conselho sabio; todos o amavam o veneravam, seguindo-lhe os passos, obedecendo ás suas suggestões e caminhando a seu mando: foi OSWALDO CRUZ, um verdadeiro chefe de escola, cujos discipulos já se affirmaram grandes, á altura das mais altas distincções scientificas, dentro e fóra das nossas fronteiras.

Sua figura extraordinaria deixa no paiz um claro impreenchivel; tal era o seu prestigio e a auctoridade de sua palavra que, nos assumptos que elle discutia, nos debates em que intervinha, ningaem sentia a necessidade do algo accrescentar.

No Brazil todos os institutos bacteriologicos devem ter o seu nome, porque, como ainda hontem disse o meu eminente collega prof. Oscar Freire, foi OSWALDO CRUZ o *nacionalisador da sciencia* entre nós.

As homenagens devidas á sua memoria carecem de vigorosa expressão, de singular destaque, á altura do merito singular do grande morto.

Meditem os que lhe sobrevivem quanto lhe ficamos a dever nas proporções da sua obra, na grandeza do seu legado á patria e á sciencia.

Em OSWALDO CRUZ crystallizou a especie humana os seus melhores dons, os seus superiores attributos, a gemma preciosa de suas grandezas.

Foi um sabio e foi um santo.

.....

Quando pela primeira vez dei de face com esse homem extraordinario, que agora desaparece, come-

çava eu a minha vida profissional, e á sua sombra pretendi amparo.

Estava em começo a campanha do saneamento do Rio; tive a fortuna de lograr um lugar entre os seus auxiliares, e a meus olhos desapareceu a febre amarella do Rio de Janeiro.

Sei bem quanto devo na minha formação a esse grande homem, que foi meu chefe; a impressão de suas attitudes, a decisão de seus gestos, a firmeza de seus actos, sempre me despertaram o mais sincero e íntimo enthusiasmo.

Como muitos outros, como quasi todos que trabalharam a seu lado e obedeceram á sua orientação, eu tive a fascinação do vulto superior que nos dirigia os passos, inspirava a nossa acção e nos amparava com o prestigio inabalavel da sua auctoridade.

Ainda hoje custo a explicar porque um homem de tão poucas palavras, de gestos tão commedidos, não raro pouco accessivel, tinha sobre os seus auxiliares tamanho poder de suggestão. Sem duvida nelle prevalecia o exemplo, sublimava a acção, requintava a verdade, expressa na solidez do facto incontestavel. Era o seu forte a inteireza de animo, a sua maneira a isenção, o seu feitio a fraqueza.

Assim o administrador.

Foi sua vida um continuo exemplo de estímulo, de abnegação e de amor ao trabalho. Já escrevi que delle se poderia repetir o que disse Pasteur, de referencia a Claude Bernard: «procuro-lhe o lado fraco e não encontro».

Agora, encerrado o breve cyclo da sua existencia, vae começar a vida de sua memoria.

A historia lhe fará a justiça de compensadora eternidade.

CLEMENTINO FRAGA

A missão Gorgas

(Conclusão)

Mais interessados que os outros paizes europeus, a Inglaterra e a França, que têm a zelar grandes interesses nas suas colonias situadas na zona tropical, acompanhavam com vivo empenho os estudos americanos sobre a prophylaxia da febre amarella.

Da França veio a *commissão scientifica do Instituto Pasteur*, composta dos notaveis bacteriologistas Marchoux, Simond e Salimbeni, que fez importantes estudos no Rio de Janeiro, confirmando os resultados das experiencias de Cuba e de S. Paulo.

Da Inglaterra vieram em 1900 e 1905 duas expedições scientificas, enviadas pela Escola de Medicina Tropical de Liverpool, para o estudo da febre amarella e de outras molestias tropicaes.

A primeira, composta dos Drs. Darbam e Walter Myers, perdeu em 1901 um de seus membros, Myers, victima de febre amarella, deixando o relatorio de seus trabalhos que foi publicado conjunctamente com os de Darbam.

A segunda comissão composta dos Drs. Anton Breinl e H. Wolferstan Thomas, chegou ao Pará em 1905 e seguiu para Manaus, onde foram ambos atacados de febre amarella da qual felizmente escaparam, sendo porem Breinl obrigado a regressar para a Inglaterra, donde mais tarde foi para a Africa e fez ali interessantes estudos de pathologia tropical e parasitologia, que foram publicados nos Annaes de Medicina Tropical de Liverpool.

Wolferstan Thomas continuou no desempenho de duas comissões em Manaus, de 1905 a 1909, e publicou nos citados Annaes diversos trabalhos importantes, entre os quaes uma extensa memoria sobre as «condições de Manaus e molestias que ali predominam» com uma carta da cidade e seus arredores, e estudos detalhados sobre a febre amarella, a malária, a ankylostomiasis, etc.

Da mesma Escola de Liverpool sahiram em comissão Ronald Ross e Logan Taylor (1901—1902) que fizeram a campanha sanitaria contra os mosquitos em Serra Leoa; Robert Boyce, que relatou seus notaveis estudos sobre a febre amarella em Nova Orleans e na Guyana ingleza, e passando ao continente africano fez interessantes e minuciosas investigações sobre a febre amarella na raça negra, e sobre a endemicidade da febre na Africa Occidental; e mais recentemente David Thomson em expedição ao Panamá, Trindade e Guyana Britanica, em cujo relatório, de 1913, diz, referindo-se aos trabalhos de saneamento executados no Panamá: «As medidas para erradicar o *stegomyia* têm sido tão bem succedidas que um *stegomyia* é considerado grande

curiosidade e torna-se difficil obter larvas de stegomyias na area saneada da zona do Canal.»

Dezenas de memorias de valor têm sido publicadas nos Annaes da Escola de Liverpool e no Jornal de Medicina Tropical de Londres, sobre medicina tropical e parasitologia, que muito interessam á nossa pathologia e são com muito proveito compulsados pelos nossos melhores scentistas e clínicos.

A contribuição scientifica que teem prestado os peritos investigadores que sahem destas escolas, preparados com grande cabedal de estudos technicos, para estudar as molestias, peculiares ás zonas e aos climas tropicaes, em seus fócios naturaes e endemicos, é incontestavelmente um auxilio de subido valor e de seguro exito para resolver os problemas de medicina e de hygiene que interessam aos povos destas regiões.

A nenhum paiz aproveita mais a benefica e generosa cooperação, do que ao Brasil, cuja enorme extensão territorial apresenta ainda, — denunciam e clamam proceres da medicina, «vastas zonas em que contrista o espectaculo de uma população miseranda de invalidos, exangues, esgotados pela ankylostomiasis, pela malaria, pela molestia de Chagas», — molestias que podem extinguir-se, quando os poderes publicos organizarem contra ellas rigorosa campanha sanitaria.

Um estadista superior, Joseph Chamberlain, quando ministro das Colonias, na Inglaterra, foi o verdadeiro creador das escolas de medicina tropical, fundadas em Londres e Liverpool, que de modestos nucleos de instrucção pratica passaram a florescentes e afamadas instituições.

A Associação Médica Britânica em 1911 elegeu Chamberlain por unanimidade seu membro honorário «em reconhecimento aos seus eminentes serviços, promovendo systematicamente o estudo das molestias tropicaes».

Em toda a sua vida publica, com o largo descortino do verdadeiro politico, Chamberlain mostrou sempre o maior interesse pelas questões referentes á saúde publica.

Como Disraeli elle entendia que «reforma sanitaria de um paiz é a base de todas as reformas; sem ella a reforma social seria uma phrase ôca».

Numa saudação ao *Real Instituto da Saúde Publica*, de Londres, Chamberlain fez com eloquencia e entusiasmo o elogio da *medicina preventiva*, admirando suas conquistas no combate incessante ás molestias transmissiveis que «durante a paz invadem as officinas e as fabricas, elevam as taxas obituarias, enfraquecem a fibra popular, tornam os homens incapazes de competir com exito na eterna luta pela existencia, e na guerra fazem maior numero de victimas do que as balas inimigas».

Chamberlain exalta o valor dos estudos dessa grande sciencia, a hygiene publica e social, que é o exemplo mais vivo da abnegação, do civismo e da fraternidade universal e mostra quanto deve a nação ingleza a homens, como Manson, Ross, Haffkine e outros, que tem se dedicado ao estudo das molestias tropicaes, contribuindo grandemente ao progresso e felicidade das colonias e á consolidação do imperio britannico.

Perorando sua admiravel oração, teve Chamberlain

esta phase memoravel de patriotismo e de justiça: «Alguns estudantes, quasi desconhecidos, em Londres, e Liverpool, fazem ao Imperio maiores beneficios do que seria capaz de fazel-o qualquer estadista, por mais elevada que seja sua posição (*however high his position*).

Fiel a esta orientação da politica sanitaria, que é característica e tradicional na Inglaterra, o Governo Inglez dirigiu á Missão Gorgas, em sua passagem aqui, na Bahia, um telegramma pedindo sua visita á Guyana Ingleza.

Bello exemplo e digno de ser imitado!

Foi do ultimo Congresso Scientifico Pan-Americano, por iniciativa de sua secção de salubridade publica, a proposta unanimemente approvada, pedindo a collaboração de todos os governos para alcançar-se a total extincção da febre amarella nas Americas.

A occasião augurou-se a mais propicia. «A febre amarella acha-se reduzida a limitado numero de focos, mas o crescente augmento de população susceptivel de infecção, em lugares até então poupados pela molestia, diz sabiamente a commissão, fez com que seja nestes logares maior do que antes o perigo, porque taes circumstancias augmentam muito as probalidades de se declarar nelles a epidemia, perigo esse que se incrementará de anno para anno pelo augmento da população susceptivel de contrahir a molestia; do que

decorre egualmente muito maior difficuldade de extinguil-a por completo, futuramente por causa do maior numero de fócus que sobrevirão ».

O Congresso pediu instantemente ás Republicas Americanas nelle representadas, que, pelos seus Governos, dos Estados ou dos Municipios, conforme sua organização politica; sejam postas em execução as leis sanitarias que melhor contribuam para a extinção da febre amarella, e sempre que existam ou se suspeite existir casos desta molestia a adopção das medidas necessarias para a total extinção do mal.

« Uma vez extincta a febre amarella *totalmente*, não é mais possível que reviva de modo algum, sejam quaes forem as condições locais relativas á producção de mosquitos ».

O Congresso ao concluir sua proposta declarou esperar que tão benéfico resultadô obterá a cooperação e sympathia de todos os philantropos.

Não foi baldado o appello.

A *Fundação Rockefeller*, sustentada pela magnanimidade e philantropia do archi-millionario que lhe deu o nome, perfeitamente aparelhada pela sua admiravel organização para as investigações scientificas, e dirigida por eminentes capacidades nos diversos ramos da medicina e da hygiene, tomou a si uma parte ampla e gloriosa nessa empresa heroica da eliminação da febre amarella do mundo.

O *Instituto Rockefeller*, destinado a investigações medicas, é installado com todo o rigor scientifico, em vastos edificios, com laboratorios providos de todo o material e abundantes recursos para todos os estudos

demonstrativos e praticos de suas differentes especialidades.

Os trabalhos do Instituto são dirigidos por profissionaes de alta competencia, com programmas essencialmente technicos, e comprehendem: -- pathologia, bacteriologia, protozoologia, chimica biologica, physiologia, pharmacologia e biologia experimental.

O Instituto tem mais um hospital proprio para o estudo de qualquer molestia sobre a qual queira fazer investigações especiaes.

E' neste centro activo de trabalho scientifico e tecnico que se forma o pessoal capaz de desempenhar as commissões que se destinam em differentes paizes a dirigir as campanhas sanitarias ou estudar e resolver os difficeis e complicados problemas da hygiene e da medicina preventiva.

Foi deste Instituto que sahio a *Missão Gorgas*, actualmente no Brasil, e especialmente destinada ao estudo da febre amarella.

Os escolhidos para a penosa e difficil tarefa foram William Gorgas, chefe da Commissão, Henry Carter, Juan Guiteras, Theodoro Lyster, Eugene Withmore e William Wrightson. São competencias provadas que têm conquistado seus titulos na campanha sanitaria desde o começo deste seculo desenvolvida contra a febre amarella nos paizes americanos do norte, e a elles com especialidade a seu chefe, todos os paizes beneficiados pela grande descoberta americana da prophylaxia scientifica da febre amarella rendem hoje as altas homenagens de admiração e reconhecimento, a que têm incontestavel direito como grandes benemeritos da humanidade.

A sociedade culta reconhece no conjuncto desta Missão e em seus nobres intuitos o que ha de mais digno e louvavel em emprehendimento humano: é a excelsa generosidade do espirito de philantropia e a devotada collaboração de sabios colligando-se para evolução e o progresso da mais util das sciencias, a hygiene internacional, tão fecunda em beneficios para a humanidade inteira.

Ao receber no Rio de Janeiro a missão Gorgas, o digno director geral da Saude Publica, exaltando a alevantada nobreza do Instituto Rockefeller, que chamou a si a tarefa gloriosa de eliminar do mundo a febre amarella, «recomuenda ás autoridades sanitarias, por determinação do Governo, que prestem todo o auxilio possivel e offereçam todas as informações e dados necessarios á Commissão, para que ella possa colher os elementos que sirvam a seu vantajoso e humanitario proposito.»

Com a sua autoridade scientifica e a responsabilidade de seu alto cargo, o chefe dos serviços sanitarios da Republica, no momento em que salientava os elevados intuitos da illustre commissão, escreveu o seguinte:

«Vem de molde nesta emergencia tornar publico o modo pelo qual me externei ao Snr. Ministro do Interior, em relatorio do anno de 1915, apresentado em Fevereiro deste anno.» A extinção da febre amarella em territorios brasileiros ainda infestados do mal, é medida que se impõe soberanamente.

«O estado actual depois das conquistas da Capital e

dos dous Estados do extremo norte (Pará e Amazonas) é uma vergonha e fonte perenne dos males incalculaveis. Já um movimento internacional se annuncia para forçar os Governos, que se têm demorado a encarar o problema resolutamente, não facultando os recursos preciosos para a prophylaxia anti-amarillica integral, a fazel-o.

Conviria, certamente, que o nosso paiz não aguardasse, para agir, uma tal injunção, aliás justa».

Já em 1905, quando, no exercicio do cargo de director geral da hygiene deste Estado, reclamava aos poderes Publicos a organisação dos serviços de hygiene terrestre e marítima que competiam aos Estados e á União, e a execução das medidas prophylacticas impostas pelas Convenções internacionaes, --numa memoria que então publiquei sobre «As molestias infectuosas na Bahía e sua prophylaxia official», -- dizia:

«Não quererá de certo o Brasil esperar que as nações mais adiantadas venham exigir medidas de prophylaxia sanitaria internacional, para garantil-as em suas relações commerciaes, classificando-o entre os paizes descurados da hygiene, que as ameaçam constantemente com a importação de molestias infecto-contagiosas.»

«Por honra nossa não se tornará necessario que se nos intime a execução dessa prophylaxia compulsoria, de que já se preocupam os proceres da civilização contra os retardatarios e mal orientados.»

«Não ha de perder por muito temp.), temos fé, a impressão de tristeza e desanimo que pesa no espirito de quantos se interessam pelo futuro deste paiz, ao

verem sempre adiada a solução urgentíssima de medidas que a sciencia reclama e a humanidade e o patriotismo impõem.

« O Brasil, que avança com enthusiasmo na vanguarda do progresso, seguindo as nações mais cultas da America e do mundo, tem o imperioso dever de sanear seu territorio e de defendel-o contra os assaltos das molestias infectuosas, que invadem os centros populosos do paiz, flagellando-os com mortíferas epidemias, aniquilando as forças vivas da nação e esgotando os melhores thesouros da riqueza publica.

A razão e o bom senso, o espirito de solidariedade humana e o sentimento de fraternidade universal, que são da índole das democracias, estão a clamar ás consciencias que os milhões que as nações despendem na megalomania impulsiva dos grandes armamentos, devem, em proveito da humanidade, do progresso, da civilização e da felicidade dos povos, applicar-se de preferencia á instrucção, á hygiene e aos melhoramentos materiaes do paiz.

O povo sadio faz a nação forte. A boa hygiene individual e a social fazem a educação physica e moral do cidadão, operario activo da grandeza nacional; formam o soldado valoroso e digno em defesa da patria, não os guerrilheiros deshumanos ao serviço das ambições e do orgulho dos dominadores.

Um professor emerito e medico distincto disse, ha pouco, na Faculdade do Rio: «E' bem que se organizem milicias, que se armem legiões, que se cerrem fileiras em torno da bandeira, mas melhor seria que se não esquecesse nesse proprio enthusiasmo que, fóra do

Rio ou de São Paulo, capitaes mais ou menos saneadas e de algumas outras cidades em que a providencia superintênde a hygiene, o Brasil é ainda um immenso hospital. Num impressionante arroubo de oratoria já perorou na Camara illustre parlamentar que, se fosse mister, iria elle, de montanha em montanha, despertar os caboclos desses sertões.»

«Em chegando a tal extremo de zelo patriotico uma grande decepção acolheria sua generosa e nobre iniciativa. Parte, e parte ponderavel dessa brava gente, não se levantaria; invalidos, exangues, exgotados pela ankylostomiase e pela malaria; estropiados e arrazados pela molestia de Chagas; corroidos pela syphilis e pela lepra; devastados pelo alcoolismo, chupados pela fome, ignorantes, abandonados, sem ideal e sem lètras, ou não poderiam estes tristes deslembados se erguer da sua modorra ao appello tonitroante de trombeta guerreira, écoando da quebrada em quebrada ou, quando, como espectros, se levantassem, não poderiam comprehender, porque a Patria, que lhes negou a esmola do alphabeto, lhes pedia agora a vida e nas mãos lhe punha, antes do livro redemptor, a arma defensiva.»

O problema da saude publica exige a collaboração de todos os espiritos cultos, o esforço combinado das classes dirigentes, dos poderes publicos, legisladores, e governos em prol desse piano grandioso do saneamento geral que será a base mais solida da força e prosperidade da nação, o factor mais poderoso do progresso, da civilização e da felicidade do povo.

Terminando os artigos que tenho publicado sob este

titulo, devo dar uma explicação ao publico, que fez-me o favor de lê-los.

Pretendia apenas, ao inicial-os, dar uma rapida noticia do valor dos trabalhos da Missão Gorgas e do merito scientifico dos notaveis profissionaes que a constituem. Embora muito notorios á classe medica, convinha tornal-os conhecidos ao publico em geral; era um dever moral e social esta modesta homenagem prestada a um nucleo de sabios, cuja benemerencia tem sido proclamada pelas maiores summidades scientificas européas e americanas, e aos quaes o Brazil como toda a America deve o inestimavel serviço da descoberta da prophylaxia da febre amarella.

Tive, porém, que exceder os limites que me tinha traçado, abusando, talvez, da gentileza com que a digna redacção da «A Tarde» tem acolhido os meus despretenciosos artigos.

Impoz-me este dever a reacção natural da profunda tristeza e vergonha que sentí, pelo amor e respeito que tenho á minha terra, ao deparar um artigo sobre a «Missão Gorgas», publicado em columna editorial de um vespertino, que, provavelmente illudido na vigilancia com que mantem seus credits, deixou conspurcal-o com truanices insensatas e ridiculas, que destôam das mais simples normas da bôa educação, em referencia a um grupo de sabios, que tem recebido de todo o mundo scientifico os mais significativos testemunhos de admiração e apreço.

Depois de muita chocarrice insulsa, em que se revelava a mais profunda ignorancia e falta de criterio,

terminava a burlesca produção por estes períodos assombrosos de *espírito e bom senso*:

«A Missão Gorgas! Que honra, que espelho, que felicidade, que ensinamento unico e que exemplo exemplar exemplarissimo! Agora sim: agora é que havemos de aprender como se limpa uma cidade, como se extinguem os seus mosquitos, como se persevera nos serviços dessa limpeza, e como finalmente perseverando assim é possível livrar Havana ou o Rio de Janeiro da febre amarella. Ora graças, graças, graças! E no delirio de vossa alegria, ó povos mortos e de memoria alegre, só uma pontinha de lamentação é permittido insinuar: enquanto dançardes e cantardes em torno de Gorgas, de seus sabios, podeis murmurar baixinho e com certa pena:

— Ai que se o Sr. Rodrigues Alves tivesse possuído um Gorgas, um só que fosse, o Rio havia de estar fresco e lampreiro como a perola das Antilhas!» !!!...

Seria preciso que o critério mental e o senso moral tivessem decahido muito nesta terra, para que homens de tão alto merecimento, de serviços inexcediveis, unanimemente reconhecidos e proclamados pelo escol scientifico e social de todos os paizes cultos, fossem aqui recebidos, em imprensa conceituada, nesse estylo bufo do histrião de feira, sem que um protesto se levantasse, em nome da Bahia intelligente e educada, contra a ignorância e a inconsciência, que não trepidam em amesquinhar e escarnecer grandes vultos, já sagrados na sciencia e na historia pelo valor inestimavel de seus serviços, acclamados pelo voto eloquente dos mais

notaveis congressos e associações scientificas, eropeus e americanos.

O nome de Gorgas já culmina no fastigio da gloria conquistada pelo saber e pelas virtudes peregrinas, de que têm dado prova constante, no amor á sciencia, e na abnegação e sacrificio em prol da humanidade, os denodados apóstolos dessa cruzada heroica, que faz entre os povos a campanha incessante do combate ás molestias transmissíveis, expondo-se embora ao constante risco de serem suas victimas.

Para fazer seu completo elogio basta dizer que a Missão Gorgas é filha e continuadora da Missão Americana, que realizou o saneamento de Cuba, e das republicas norte-americanas, e propõe-se agora, ajudada pela magnanimidade e philantropia do Instituto Rockefeller, a prestar o generoso e espontaneo auxilio de seus serviços para a extinção da febre amarella em todo o mundo.

São verdadeiros heróes que merecem mais da humanidade e da civilização do que os maiores conquistadores do Universo.

O acervo de suas conquistas já é enorme, sobe a muitos milhares e attingirá a milhões de vidas e a bilhões dos colossaes interesses do commercio, das industrias e da economia das nações, que serão poupados com a extinção das mortíferas e ruinosas epidemias, que no seculo passado assolavam as mais florescentes cidades da America, e hoje têm desaparecido graças á famosa descoberta de Havana.

Não é digna de certo de usufruil-os a sociedade que, gozando dos beneficios da sciencia, perde o nobre sen-

timento do reconhecimento que honra, para rebaixar-se á indifferença, e ainda mais, ao vilipendio dos benemeritos que agraciaram-na com as vantagens obtidas pelo seu talento e esforço.

Muito grato á digna Redacção da «A Tarde» pela gentileza com que facultou-me as columnas de seu apreciado Jornal, honro-me em ter prestado miuha modesta homenagem á Missão Gorgas e ao mesmo tempo, no meu possivel, desaggravado a Bahia culta, por suas Faculdades, Escolas Superiores, e associações scientificas e litterarias, por seu jornalismo conceituado e digno, pela veneração de seus intellectnaes a todos os sabios e varões illustres, e pela polidez e proverbial cortezia da sociedade bahiana para com seus hospedes e visitantes.

Foi, quero crer, um equivoco lamentavel ou censuravel abuso, esse, que permittiu a exhibição truanesca, descabida e impertinente, na columna editorial de uma imprensa seria, e fez objectivo da chalaça grosseira a um sabio eminente, de reputação mundial, que já não é somente um benemerito, é o heroe glorioso da maior conquista que neste seculo já conseguiu a sciencia em beneficio da humanidade.

O nome de Oswaldo Cruz só por insciencia e inconsciencia foi envolvido nessa insania, em que tão levianamente se maldiz do merito e blasphema da virtude.

Oswaldo Cruz foi o primeiro a tornar publico o seu

reconhecimento e de todo o Brasil douto ao grande valor dos benemeritos heroes de Havana e de sua descoberta, quando disse, ao iniciar a obra ingente do saneamento do Rio de Janeiro :

«A extincção da febre amarella é um problema que já encontrou uma solução pratica : podemos pois consider-a uma questão resolvida.

«Resta-nos agora apenas *seguir as pegadas dos sabios americanos*, que enfrentaram o assumpto, resolvendo-o por completo em Havana».

O espirito superior do douto scientistista paira, como se vê, muito acima da mesquinha intriga com que os ignorantes e preteuciosos só conseguem explorar a já estafada e desaereditada « vaidade indígena » — de outros egualmente nescios, que, ineptos e presumidos, desdenham a contribuição com que extranhos concorrem ao desenvolvimento e progresso do paiz, desconhecendo por completo innumeros e preciosos estudos relativos ao Brasil, por muitos sabios estrangeitos, scientististas militantes, que, em suas viagens scientificas, adquiriram verdadeiros thesouros, que hoje enriquecem nossas bibliothecas e archivos, offerecendo valiosissimo subsidio para a solução de serios problemas nacionaes, e para o fomento e exploração de nossas riquezas.

Com o criterio de consciencioso scientistista disse nosso eradito conterraneo, Dr. Pirajá da Silva, em seu apreciado livro «Atravez da Bahia»: «O brasileiro, sob pena de ingratição ou ignorancia não tem o direito de desprezar o concurso que as outras nações cultas lhe teem

prestado para o conhecimento e engrandecimento do seu paiz».

A educação e a cultura repellem os preconceitos deprimentes do nativismo, tara da selvageria primitiva, incompativel com a civilização e o progresso social da nossa epoca.

PACIFICO PEREIRA

Clinica Propedeutica

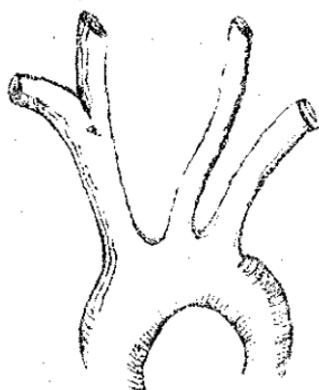
DO RUÍDO DE PIÃO (TAMBEM CHAMADO DE PIORRA, CORROPIO, RODOPIO E BERRA-BOI)

Pelo Professor Prado Valladares

(Da Faculdade de Medicina da Bahia)

O eminente professor MIGUEL COUTO, em uma das suas formosissimas *Lições de Clinica Medica*, faz datar de 1837 o apparecimento da theoria de WARD que, explica o ruido particular ouvido no pescoço dos chloro-anemicos como um sôpro gerado nas veias jugulares. Certo é que nos dias presentes nenhum tratadista ou semiologo, dos modestos aos de grande vulto e auctoridade maxima, nenhum se inscreve contra esta doutrina venosa, acceita, pregoada e defendida como um dogma de fé. Entretanto, ousou pensar que a verdade não está por ahí; quero tomar logar entre os primeiros observadores da escutação LAENNEC, BOUILLAUD e outros) que falavam tão expressivamente no «canto das arterias»; e invoco, para o caso, um mechanismo pathogenico que

presumo ainda não apprehendido ou, pelo menos, ainda não divulgado por ninguém. É o seguinte:



O tronco brachio-cephalico arterial termina ao nivel da articulação esterno-clavicular direita e ahí se bifurca em carotida primitiva e sub-clavea. Como se vê no esquema annexo, a porção de parede vascular commum aos dois ramos arteriaes fórma uma reintrancia angular um como

esporão, onde a corrente sanguínea, ascendente, cardiofuga, se ha de bipatir.

Nas condições normaes, hygidas de hemocrasia, isto se passa silentemente, sem rumor. Mas sobrevenham a hydremia, a hypoglobulia, a baixa da viscosidez do sangue, e comprehende-se que, no ponto referido do divorcio hemodynamico (assignalado no esquema pela letra *a*), se constitua a agitação molecular que SAVART appellidou *veia fluida* e que melhor se diria por evitar todo equivoco, *columna fluida* de SAVART.

Está ahí, talvez, a genese do sôpro; é, porventura, assim que se gera o ruído de pião. A nascente brachio-cephalica arterial dá conta exactissima de todos os caracteres que sómente com um pouco de bôa vontade se apresentam demonstrativos da origem veno-jugular. A nascente brachio-cephalica arterial dilacida certa concomitancia palpatoria do ruído de pião, o que a origem veno-jugular com todos os malabarismos dialecticos manterá enigmatico.

Troquemos a questão em meúdos :

a) O ruído de pião é continuo, com recrescimentos periodicos : a circulação brachio-cephalica arterial é continua (relembre-se a bella e engenhosissima experiencia de MAREY para pôr á mostra a serventia da elasticidade nas arterias) e de onde em onde accelerada pela propulsão ventricular systolica.

b) Na parte intermediaria ás inserções inferiores do esterno-cleido-mastoidêo direito, ou em pontos muito convisinhos, é que se percebe claramente o ruído de rodopio, parecendo que em qualquer outro sitio elle é apenas propagado : só do lado direito é que ha, esquecidas possiveis anomalias anatomicas, tronco brachio-cephalico arterial com a disposição especial marcada pela letra *a* no eschema.

c) O ruído do berra-boi é mais accentuado quando o doente está em postura erecta : o embate de onda sanguinea no angulo de bifurcação do tronco brachio-cephalico ha de ser mais violento na posição orthostatica.

d) O ruído de corropio se intensifica com a expansão respiratoria thoracica : a inspiração amiuda os batimentos cardiacos e, pois, accelera a circulação arterial.

E eram estes os argumentos garantidores da origem venosa, que dest'arte esmaecem em valor probante, uma vez que poderiam tambem ser aproveitados para documentação da suspeita de origem arterial!

Fale-se agora da concomitancia palpatoria a que, ha pouco, se alludiu. Na súde do ruído de pião sente-se, á palpação digital, um fremito vibratorio, um estremecimento felino, como dizia o inolvidavel TORRES HOMER,

a se acreditar que sob os dedos corre areia e não sangue, repetindo a phrase felicissima de quem a TORRES HOMEM legitimamente succedeu no principado das lettras medicas indigenas, — MIGUEL COUTO.

Ora bem. Esse fremito, esse correr de areia sob os dedos se percebe, com a mais inilludivel nitidez, no sentido ou direcção da corrente arterial, isto é, ascendente no pescoço, e para fóra em demanda do hombro. O phenomeno palpatorio do fremito é, portanto, oriundo das arterias. Mas o que faz o fremito é a mesma, a mesmissima agitação molecular da columna fluida do SAVART que impressiona a audição a modo de um sopro. Logo o sopro que, no caso, é o ruido de pião, tem numa arteria o seu nascedouro. E LAENNEC, o observador genial, que, dil-o com justiça HUCHARD, raramente se enganava, tambem na questão agora debatida acertou: *le bruit de diable... e'est bien le chant des artères*.

— Em conclusão, parece que se pode definir assim: o chamado ruido de pião (*bruit de diable ou de rouet* dos francezes, *rumore de trotola* dos italianos, *nonnen-geräusche* dos allemães, *ruido de peonza* dos hespanhóes) é um sopro anemico que se processa na aresta de bifurcação do tronco brachio-cephalico arterial, de encontro á qual a onda sanguinea se esbate, revoluteia e rumoreja.

Sobre um caso de Polychromidrose

*(Comunicação feita á Sociedade Medica dos Hospitaes
na sessão de 16 de Dezembro)*

PELO DR. MAXIMILIANO MACHADO

Senhores :

O caso que tenho o prazer de vos apresentar se me afigura, pela sua raridade e complexidade digno disso, porquanto parece vir esclarecer, confirmar mesmo uma theoria sobre a pathogenia das chromidroses, tão discutida quer na seara da neuro-pathologia e na da dermatologia.

Trata-se de um doente, o que vos apresento, que me appareceu á consulta, ha cerca de 15 dias queixando-se de uns suores abundantes axillares, que, ao secarem, lhe manchavam em azul e vermelho, a roupa a ponto de lhe não consentirem vestir-se de roupa clara ou branca.

Examinei-o e encontrei, de facto, nas axillas, a camisa com uma grande mancha de tinta, onde se distinguiam 3 fachas de côres muito nitidas: azul, roseo e amarello alaranjado.

Excluindo logo a hypothese de um possivel engano das manchas provirem de qualquer mystificação ou tinta da roupa (factos não raros) vi que se me deparara um caso curioso de chromocrinia, porquanto jámais havia lido um caso identico isto é, a reunião de tantas côres em um mesmo doente; e, despertado pelo inte-

resse que o curioso phenomeno me suggeriu, passei a observação que vos trago.

Tem o doente 15 annos de idade, natural de Minas-Geraes e residente nesta capital ha 4 annos, onde estuda preparatorios.

Conta, como historia progressa, que teve sarampo e em terna idade um "ataque", um ictus qualquer, que lhe poz sem sentidos quasi um dia, mas que se curou promptamente. Ha muitos annos, isso.

Diz, mais, haver tido uma perturbação intestinal com dejecções liquidas, por algum tempo, molestia que de quando em vez o apoquentá.

Nada mais sente ou lhe encommoda. Tem bom appetite, se alimenta bem, dorme bem. Tem, sim, no tempo quente muita sede, e quando faz qualquer exercicio de marcha ou trabalho muscular braçal tem abundantes suores axillares. Esses suores ha cerca de 2 mezes tornaram-se mais abundantes ainda e deram para lhe manchar a roupa com as cores referidas. Não o teve, nem uma vez, de uma só coloração: sempre as mesmas cores, variando por ma predominancia de uma côr ou outra — vezes mais larga facha azul, outras mais largas amarella e estreita azul e vice-versa. A coloração se dá toda vez que transpira.

O suor, diz o doente, sae como suor commum: molha a roupa e ao seccar surgem as manchas e somente nas axillas. Com o suor de outra qualquer região (si bem que em quantidade normal) não si dá o phenomeno, não mancha.

O vido, distante, o doente passei ao exame clinico somatico.

Encontrei para o lado do coração ligeira modificação do rythmo—uma tachicardia moderada, sem grande importancia; o figado ligeiramente sensível a palpação—e o ventre com modificações na tensão abdominal: ligeiro meteorismo, pequena distensão localisada na região do cecum e do duodeno, pela provavel dilatação atonica. Nada mais encontrei de anormal para outros órgãos. Temperatura normal.

Em summaria, temos presente um doente portador de uma affecção funcional do tractus intestinal (que pelo conjuncto de symtomas apontados parece ser uma dyspepsia intestinal sequella talvez de uma inflammacão antiga) e que quando faz exercicio transpira pelas axillas um suor abundante, que, ao se evaporar, deixa na camiza, uma mancha corada em azul, roseo e amarello alaranjado.

Temos, pois, um doente com uma anomalia na funcção sudoripara, qualitativa e quantitativa. Quantidade augmentada, limitada a uma região: hyperhidrose regional ou ephidrose axillar e de composicão chimica alterada com cyanidrose (suor azul) erythidrose (suor roseo) e xantidrose (suor amarello), conjuncto a que denominei do polychromidrose.

Eis, pois, do que se trata.

Deixando á margem a viciação funcional do aparelho intestinal do nosso doente, occupamo-nos da sua curiosa anomalia sudoral—a chromidrose.

Primeiro o Nome—Alguns auctores pretendem distinguir a denominaçãochromidrose da de sudores corados, reservando a primeira para designar a mancha quando fixada na pelle e a segunda para os casos como o relatado;

ora, vantagens de nomenclatura no rigor, não existe em tal distincção pois a propria palavra de chromidrose, que quer dizer suor corado, não consente. Sirvo-me assim, da denominação classica de chromidrose para o caso.

Rara doença, ou anomalia, essa da função sudoripara, cuja authenticidade, nos casos apparecidos, tem sido discutida e de existencia até negada por alguns septicos, em o caso presente se mostra bem determinada como em ccnfirmção verdadeira de sua existencia, al m de se mostrar num complexo que não consta na litteratura medica existente. De facto, não encontrei em aucter algum referencia de caso egual no tangente a concorrência de cores.

Os casos mais complexos verificados são os de Le-Roy de Mericourt e de Prudon verificados em 1864 em que no primeiro a mancha do suor constara de uma facha estreita azul e outra rosea; e no segundo as cores eram azul e amarello. Ha muitos casos simples de uma só coloração: suor azul observado por Billar e Bemier e o caso do Dr. Castel de uma hysterica que, collada ao leito por forte rheumatismo, suava azul no pescoço; cor de rosa observado por Doyon, cor de cerveja no caso de Salmutte; o suor cor de vinho tinto visto por Bartholin; cor de sangue observado por Ruxhau e observações outras sem falar nos celebres e discutidos suores verdes dos operarios em minas de cobre.

Eis o que nos conta a historia sobre o assumpto.

Agora, como explicar o ph nomeno?

Pondo de parte as interpretações pathogenicas de ordem theorica que procuram explicar a anomalia quan-

titativa — a hyperhidrose, visto não caber nos limites de uma ligeira communicação como esta que por ser um caso clinico, deve ser resumida, procuremos o que de melhor nos interessa ao caso, tal a pathogenia da anomalia de coloração.

Em os casos citados e observados as interpretações tem sido contrarias.

Eis, em resumo, as dos mais auctorizados:

É um phenomeno nervoso uma deterioração nervosa ou uma neyrose sudoripara, diz Parrot; e de effeito puramente chimico: é o phosphato ferroso que por transformações intraorganicas e com os acidos do suor dão a cor azul, explicam Callmann e Scherer; a cor rosea, affirmam Eberth e Bab s: prov m do conhecido microbio das «hostias de sangue» o micrococcus prodigiosus; é o trichomycosis palmelina parasita que dá bellas colonias vermelhas asseveram Balzes Barthelemy; é uma *torula* cujo desenvolvimento é activado pela elevação da temperatura do meio ambiente e produz a coloração diz Scott; são, germens chromogenos, notadamente o aspergillus assestados no aparelho glandular sudoriparo e na pelle da região onde se dá o phenomeno que dão productos corados escrevem Bergmann e Kükne; é uma pyocianina fabricada pelo bacillo pyocianico, opinam os auctores allemães e Gessard o crê com firmeza.

Cabannes, Bizzio, Toot, Hoffmann sustentam, alguns baseados em pequisas analyticas feitas no suor, que a coloração em casos taes é de origem puramente chimica: é o indicam que se eliminando pelo suor, encontrando meio acido, dá indoxyla que se oxydando se transforma em materia corante vermelha e azul.

Litigiosas, pois e descontraídas são as opiniões que têm procurado explicar tal anomalia; o caso a vista, porem, parece vir firmar a theoria dos que dizem ser o indicam o responsavel pelo suor corado, pois o nosso doente tem indicamuria proveniente, creio de sua perturbação intestinal e as cores que elle tem revelado pelo suor são as mesmas provenientes das transformações do indicam; e a experiencia seguinte, feita por mim, vem em auxilio da theoria do indicam.

Verifiquei, no momento da sudação, a acidez do suor por meio de um pedaço de papel de tournesol e procurei neutralisar o suor na occasião de sua eliminação e para isso molhei em uma solução saturada de bi-carbonato de sodio adicionada de umas gottas de solução de 10% de soda caustica, uma camiza, depois de secca o doente vestiu-a, transpiroa nella e as manchas não se formaram.

Fiz outra experiencia em confirmação da theoria microbiana isto é, procurei verificall-a.

Fiz uma antiseptia tão vigorosa quanto possivel, da da região axillar. Lavei-a com sabão, ether e depois uma solução de cyanureto de mercurio a 10%, fiz o doente vestir uma camiza nova, transpiroa e as manchas appareceram.

Por essas experiencias, pelo facto do doente ter excesso de indicam verificado pelo exame de urina feito pelo Dr. Darvaltercio Aguiar e pela coloração que tem apresentado julgo ser a indicamuria — phenomeno extra-intestinal-o agente unico capaz de explicar a pathogenia dos suores corados.

O facto do phenomeno se dar somente na axilla (pois

os suores de outras regiões no doente são normaes) quero crer ser devido a riqueza glandular da região que como «centro da sudação» tem função muito mais activa e a riqueza em ácidos ahí (ácido caproico, caprílico, fórmico, batyrico, propiónico, etc.) parece maior; «meio», portanto, adequado as transformações do indoxyla.

A therapeutica, para o caso, deve ser dirigida para o restabelecimento das funções normaes de seus intestinos, pois *sublata causa tollitur effectus*.

Faculdade de Medicina

Discurso que pronunciou na Faculdade de Medicina, o Snr. Prof. Dr. Oscar Freire de Carvalho para nympho dos novos médicos de 1916, por occasião da sessão solemne de collação do gráo.

Exmas. minhas Senhoras,
Exmo. Snr. Dr. Governador do Estado,
Exmos. Snrs. Representantes dos poderes publicos federaes, estaduaes e municipaes.

Exmo. Snr. Dr. Director da Faculdade,

Prezados Collegas da Congregação,

Exmos. Snrs:

Meus jovens collegas,

Já observastes, de certo, a persistencia irritante com que nestes ultimos tempos entre nós se malsina e lamenta a plethora de doutiores. É por toda a parte o mesmo clamor, a mesma queixa contra «a avalanche

de matriculas nos cursos superiores e as immensas levas annuaes de doutores bachareis.»

Disfarçada na leve ironia de um reparo inoffensivo ou aguçada no arremesso aggressivo de uma allusão contundente, é facil de perceber a hostilidade que se vae implantando contra as profissões liberaes.

Porque aos cursos superiores concorrem numerosos os estudantes e porque, dest'arte, são em numero relativamente avultado os que nas Faculdades Superiores se diplomam, tanto bastou para que não fosse procurada em outros factores sociaes a causa do abandono das demais profissões. E, assim, por inevitavel generalização, pretendeu-se attribuir aos doutores muitos dos males que nos affligem, senão a totalidade delles e até os proprios vicios do caracter nacional.

A phrase desapiedada com que Eça flagellou a nossa apparente abundancia doutoral, expondo ao ridiculo castigador o falso prestigio de que o titulo goza em nosso meio, tornou-se uma divisa, um lemma de combate.

Ademais, depois que a preciosa actividade, muito proclamada e muito theorica, de nossos estadistas engendrou para esplendor das imprecações patrioticas, a maxima de que «o Brasil é um paiz essencialmente agricola», as profissões liberaes tiveram a seu passivo mais uma culpa pesadissima. A penuria da agricultura nacional, aggravado de momento em momento desde que a abolição arrancou inopinadamente á indolencia dos nossos lavradores os braços de que dispunham fartamente para o trabalho, e o exodo da vida sadia

dos campos, despovoando paragens outrora fertéis, em b sça da vida intensa das cidades cujos tentaculos de polvo absorvem, aqui, como em toda a parte, numa centralização impressionante, as forças espontaneas, virginaes da nacionalidade, puzeram novamente em fóco a urgencia de resolver, por final, o velho problema.

Então, no perquirir os factores de semelhante estado de coisas, um libello accusatorio terrível aos cursos superiores viu a luz.

Na prosa monotona de relatorios massudos, em vigorosos arroubos de eloquencia tribunicia, entre fallaciosas promessas de plataformas politicas, em meio a objurgatorias ameaçadoras de opposições truculentas, na gravidade solemnissima de mensagens governamentaes e, at mesmo, por vezes, na serenidade insuspeita de livros de sciencia, avultou o brado, a supplica em prol dos campos abandonados, dos sertões perdidos, e atroou triumphante o appelo pela lavoura decadente, a agonizar. Mas, ao lado, numa propositada aproximação suggestiva, ora a medo, na covardia de um parallelo fementidamente innocente, ora ás escancaras, sem ambages, desabaladamente, o reclamo contra a supposta superabundancia dos que se candidatam ao exercicio das profissões liberaes.

Constitue uma especie de elegancia intellectual, muito em moda, uma conveniente exhibição de capacidade e de conhecimento perfeito dos problemas vitaes do nosso paiz, não sómente proclamar com vehemencia, com calor, com raiva at, a urgencia de fomentar o ensino profissional agricola, de proteger o agricultor,

de cercal-o de prestigio e de garantias, mas tambem (e aqui está todo o mal) lamentar a facilidade de accesso aos cursos que preparam ás profissões liberaes, inculpar de-as da propria decadencia agricola que nos aterra. E assim, naturalmente, com essa tendencia de simplificação, renal ao raciocinio colectivo, ahi está latente o pensamento de que o paiz não progride economicamente como devera, porque está desamparada a agricultura, como a industria e o commercio, e que este desamparo promana exclusivamente do excesso dos doutores.

Documentando o asserto. A's regiões administrativas mais altas impressionou o expediente de solver a crise nacional, difficultando, pelo augmento das taxas, a matricula nos cursos superiores, que ficariam vedados, não aos inidoneos, mas aos que não possuissem meios de fortuna apreciaveis. Em resumo: se eram pobres, fossem para a lavoura.

E a agricultura, que se pretendia erguer, recebia assim desde logo o estygma de uma inferioridade.

A lembrança vale por toda uma psychologia.

Nunes protectores concediam a graça de resolver num passe magico a questão mais seria da vida nacional. Impossibilitados de penetrar os humbraes das escolas superiores, os moços se volveriam, num accesso de bicolismo patriotico, para conquistar, ao revs da gloria alta e fadigosa das sciencias e das letras, a calma alegria de ferir com curvo arado o seio dadivoso da terra amiga para que medrasse o viço das searas lindas.

Um só traço de penna esbarrondava de uma vez «o

anhelo da nossa burguesia á aristocratização pelos títulos.» O título academico, que é ainda «o sonho doirado de quasi todas as familias brasileiras», apeado ás condições de um «democratico certificado», tornaria indesejadas para logo as nossas profissões.

Santo prestigio das formulas! Mystico poder das palavras! Uma só formula que se modificava ia realizar toda uma abençoada revolução social.

O tempo descaridosamente não permittiu a prodigiosa transmutação. O expediente não durou... não direi «como as rosas de Malherbe», porque já do berço outro genero de comparação lhe fôra razoavelmente adaptado... e a «ossatura», disformissimamente enge-nhada, ao envêz de revestir-se das partes plasticas que lhe dariam a impressão pedida de força e de belleza, desarticulou-se, desaggregou-se... *quia pulvis es et in pulverem reverteris.*

Em todos os bellos sonhos quer a fatalidade que haja sempre um calcanhar de Achilles. Os «democraticos certificados», unicamente pelo novo rotulo, não valeriam menos do que os velhos pergaminhos para as lamentas das ambições da burguesia. Dificultadas as matriculas nos cursos superiores, diminuiriam fatalmente, escusado dizer «as levas annuaes de doutores», e baixaria tambem o grão da cultura geral do paiz, ao tempo em que cresceriam em numero os aspirantes á vida burocratica. Mas ninguem acreditará que se multiplicariam os lavradores. Outros serão, de certo, os processos de, aqui como alhares, attrahir as actividades juvenis para a vida fecundissima de amanhar a terra e faze-la valedia.

Comprehendo a intervenção do Estado para que o ensino superior corresponda em efficiencia aos seus destinos. Ainda não pude surpreender, pobre fraqueza minha, as ponderosas razões por que a acção reguladora do Estado se deve exercer difficultando qualquer genero, qualquer especie, qualquer gráo de instrucção num paiz avassallado pelo analphabetismo.

— E' mau que haja muitos doutores, porque nem todos serão doutos.

Fraco argumento e fraco raciocinio a que me não rendo. Revoltemo-nos, pois, não contra os doutores, senão contra os maus doutores.

E porque propor a censura sem alvitrar o correctivo adequado será quasi uma covardia, brademos pelo necessidade de melhorar o ensino superior, dando-lhe feição ainda mais pratica e em taes moldes, que nelle se ultime, sem difficuldades, a instrucção, a habilitação professional acabada, completa dos que o procuram.

Não serei dos ultimos a auxiliar aos que reclamam, aos que bradam, murmurando embora a penitencia das minhas proprias culpas.

Já ousei proclamar, mais de uma vez, desta mesma tribuna, que a instrucção nacional, em todos os seus grãos, se alicerça em verdadeiros erros de psychologia, dependentes (força é reconhecer) da propria conformação psychica dominante em nosso povo. A absurdesa dos methodos de ensino mnemonicos consumir as forças vivas das intelligencias melhores, num lamentavel theorismo, pleno de bellas e enganadoras apparencias, foi o thema de algumas das minhas pa-

lestras convosco. Dahi, por mim, para concluir a fallencia da medicina, para admittir que provim dos doutores os males nacionaes, vae, em meu pensar, a distancia de um abysmo.

Se os doutores se apararem na selecção rigorosa, não de exames exigentes, que para mim são quasi nada, mas de um curso cuidadoso, irreprehensivel, que é tudo, mal não haverá na plethora de doutores.

Que os proprios medicos reclamem, isso não aplaudo, mas entendo. Augmentada a concorrencia, mais difficil será a luta pela vida. Essa mesma concorrencia, por mim, é uma condição de estímulo e de aperfeiçoamento, uma evidente vantagem e uma inestimavel garantia para a collectividade.

Não recensear, com malevolo intento, os prejuizos que decorrem da condemnada procura das profissões liberaes, considera-se incontestavel symptoma da plethora que nos asphyxia, o haver medicos desviados do campo da nossa profissão para outras formas de actividade intellectual. O facto ao contrario, provaria que, por infelicidade, no nosso paiz é quasi exclusivamente nos cursos superiores que se deparam meios faceis de aquisição de uma cultura mental seria.

Os que sahem das escolas superiores, por peor que seja o seu tirocinio, teem sempre uma cultura, uma instrucção acima da media do paiz.

Ser doutor é, quando nada, um modo pomposo, fidalgo de não ser analfabeto.

Murmura-se que as sciencias biologicas não preparam para o que se nomeia a vida pratica. — Não é de medicos que precisamos. Carecemos de industriaes,

de forças emprehendedoras que deem vida e calor ao marasmo das nossas finanças em farrapos, promovendo o progresso do paiz.

«A' medicina se desestima, porque não concorre para o engrandecimento real do paiz». Real equivale, no caso, a *material*, e engrandecimento deverá ter uma restricção — *economico*.

Pobres doutores! Somos considerados como um genero perigosissimo de parasitos, cuja existencia se traduz pelo onus com que o ensino superior e as instituições scientificas gravam o orçamento nacional e se resume na ambição de sugar as forças vivas do paiz no folgado sossego da appeticida vida de funcionarios publicos. Nos doutores lobrigam, apenas, o candidato aos empregos, — elemento pernicioso a augmentar o caudal formidavel de funcionarios publicos, que vão anemiando, demolindo todas as energias da nação.

Da nossa profissão, das modalidades do seu exercicio que permite o nosso meio social, exceptua-se, ás vezes, na ira da analyse desbastadora de nossos prestimos, a actividade effectiva da clinica. Porque a clinica é directa, immediatamente util a cada um dos individuos.

Ainda ahí, entretanto, a nossa situação não é sempre de honras, de acatamento e veneração. Não raro o respeito solícito, e, quasi que poderia dizer — a humildade com movedora, para reclamar, no momento de inferioridade creada pela doença, o auxilio da nossa arte, se transmuda na acerba ironia, no duro sarcasmo com que se amesquinham os valores da nossa sciencia, menores

do que o nosso desejo, — se descarnam as insufficiências dos nossos meios de acção, porque restrictos, — se maldiz a impotencia dos nossos processos, porque contingentes e falhos tantas vezes.

Profissão não há no mundo mais aggredda de destes, mais crivada de epigrammas. Em todas as linguas, em todos os moldes, para todos os paladares. Desde a allusão ferina envolvida suavemente na innocente perversidade de uma como galanteria; desde a ironia sem piedade, á Molière, esvurmando de preferencia sobre os ridiculos dos medicos e da medicina todo o fel que a vida infelicissima lhe segregára no coração; desde a setta ervada de peçonha mortal, que a perfeição attica da forma faz anestheticamente penetrar com gentileza e graça aos intimos recessos da alma, até os baldões grosseiros envoltos sempre desse grande riso sordido e insultuoso, cujo só contacto avilta, tudo se tem dito de nós.

Possa sempre o vosso espirito ter a serena clareza para julgar que é natural que assim seja. O doce scepticismo de Anatole France ensinou que é preciso «dar á vida por testemunhas e por juizes a ironia e a piedade, duas boas conselheiras. Uma, sorrindo, nos tornára amavel a vida; outra, chorando, no-la fará sagrada». A doce ironia benevolente com o senso claro e a suave piedade bemfazeja, com as suas lagrimas bondosas, calmarão a colera e nos pouparão a immensa fraqueza de odiar os que nos ferem.

A luta aspera pela existencia no meio social induz por vezes o homem a valer-se dos recursos a seu al-

cance, capazes de lhe proporcionar a victoria, de lhe facilitar a vida.

Em verdade, a simulação, os curiosos phenomenos de mimetismo social dominam deste modo a mór parte dos actos humanos. A circumspecção e a compostura não serão agradaveis euphemismos sob os quaes se proclama instantemente a necessidade de incobrir aos demais a nossa personalidade psychica tal qual é na evidencia, na espontaneidade dos seus valores e de suas falhas?

Os homens, em sua maioria, são consciente ou inconscientemente simuladores na vida social. Poucos ha que confessam todas as fraquezas que os molestam. A mór parte se esforça por compor attitudes que despertem o temor e o respeito.

Mas no leito da dor são esquecidos os recursos da imitação e do mimetismo, despe-se a couraça, e abandonam-se as armas hypocritas que o instincto de conservação aconselhára.

E a fragil argilla humana, contingente e mesquinha, se revela em sua plenitude.

Deante dos medicos, cede a firmeza dominadora dos fortes, a enfiatura pujante dos heróes deixa transparecer os defeitos que a deformam, e o homem se revela qual é, geralmente inferior ao que representa.

Escoadas, porem, as horas de doença, o amor proprio readquire os illimitados direitos, e, embora haja a absoluta certeza de que jamais o medico será o depositario infiel da fraqueza confessada ou percebida sequer, é da natureza humana não seja estinada a arte que a despoja das suas bellas apparencias enganadoras.

Felizmente nem sempre é assim, bem sei.

Em compensação, estas não constituem as causas

únicas do desamor e do desprezo com que se olha o clínico. De outra feita se exige do medico o que se não pede a profissão nenhuma — que subverta e impeça o curso das leis naturaes. Deverá fazer quanto está muito acima do seu poder. Será preciso restituir a vida o ser caro, preso ao nosso coração, pelos sentimentos mais arraigados e profundos; cumprirá salvar a existencia muito amada, que os factores morbidos, com a serena impassibilidade das forças naturaes estão vencedoramente destruindo. E no desespero da sua impotencia, não será de certo para morte intangível que se volverá a colera do homem. Nem será também aos deuses invisíveis que a desprezam, que irá ferir. O medico ali está inútil, e a inefficacia do seu esforço é a prova humilhante da propria inferioridade humana.

Lembro-me, sempre que penso nesse traço de psychologia, daquella expressiva exclamação que Rostand engastou, aliás no mais artificial dos seus livros. Passado o momento de perigo que escondera sob as asas generosas de Chantecler e sob a gloria altiva de seu cantico de guerra os seus irmãos apavorados, os que se abrigaram tremulos á sombra de sua força, esquecidos do bem que lhe deveram, para elle se voltam pressurosos, remordidos de vergonha.

«Pour se venger sur toi de la peur qu'ils ont eue».

Alóra o serviço immediato que a cada individuo a medicina clinica pode prestar, não se attribue nenhuma outra utilidade ao medico, nem mesmo se comprehende que elle possa ter outra forma de actividade efficaç.

As victorias do saneamento do Rio, até depois de co-

piosamente exaltadas pelos estrangeiros, mal conseguem fazer vislumbrar a importancia da acção do hygienista.

A função do medico, nobilitada, elevada outróra como «sciencia mais benfazeja,» podendo «reivindicar a gloria de ter concorrido á organização phylanthropica da sociedade humana,» vae sendo reduzida á simples objectivação desse malfadado amor ao título que se revela e resalta em todas as camadas sociais, desde o inicio da nossa vida politica independente, pela ansia de conquistar nobreza com os titulos do Imperio, quando ainda eram raros os doutores, ou pela caça dos altos postos milicianos na hilariante comedia da guarda-nacionalização que invade boa porção dos habitantes do paiz.

Não será pelos factores de aperfeiçoamento moral que o exercicio da medicina faculta, nem pelos serviços que tem prestado á humanidade, persuadindo-a pelo exemplo das vantagens da solidariedade social que se deseja aferir o seu real valor, os seus prestimos effectivos.

Pedem-se provas de outra ordem. Não se alcança que a medicina possa concorrer para o augmento da riqueza collectiva.

No entanto ninguem ignora que a vida humana representa em verdade um capital, que se torna improductivo pela doença que infragece ou nullifica as energias individuaes utilizaveis para fins economicos. É um capital accumulado na previsão de um determinado rendimento futuro, que se poderá perder pela

morte sem ter deixado frutos compensadores para a collectividade.

A existencia de cada homem, todos o sabem, custa ao conjuncto social um certo numero de despesas, realizadas desde o nascimento até o instante em que a actividade productora começa. Para educar o individuo, isto é, para pô-lo em condições de existir utilmente, sem perturbar, antes mantendo o equilibrio das numerosas forças psycho-sociaes, no qual se traduz a hygidez collectiva, as sociedades impõem-se determinados dispendios, determinados sacrificios que deverão ser compensados de futuro pela productividade do trabalho individual.

Ahi estão as despesas, preconizadas por todos como benemeritas de maior apoio, feitas com a instrucção, com a educação e a hygiene.

Se me não arreceasse do arriscado de pisar em cheio seara nada familiar ás cogitações habituaes de minha arte, diria que há para a vida de cada homem um verdadeiro custo de producção, variavel consoante o paiz, o meio, a profissão, a idade, e destinado a produzir um proporcional rendimento porvindouro, que concorrerá mais ou menos á manutenção e ao augmento da riqueza collectiva.

O homem constitue um valor economico crescente á proporção que progride em idade até o seu completo desenvolvimento, que o torna apto á maxima utilização, porque parelhamente cresce o capital o que nelle a sociedade vem empregando, com o intuito de um lucro futuro.

É pois, se a producção do homem diminua pela do-

ença ou por suas consequências della, quando baixam as energias realizaveis, ou se a produção cessa pela morte, não tendo o individuo attingido ao maximo de sua productividade, é claro que haverá um manifesto prejuizo economico collectivo. A vida perdida ou perturbada importa positivamente num contingente que se deverá subtrahir da cifra representativa da riqueza geral

O medico, consequentemente, restituindo á humanidade energias individuaes enfraquecidas ou desviadas pela doença, evitando pela therapeutica a morte prematura e, ainda mais, obtendo pela hygiene que as forças individuaes não soffram qualquer perturbação, e porfiando em prol do abaixamento da cifra da mortalidade geral, concorre de modo precioso para a conservação e o augmento da riqueza social.

Facil tarefa seria respigar nos tratadista estrangeiros as approximações numericas do custo do *capital-homem* na Europa e na America do Norte e teutar applical-as ás nossas condições especiaes, pondo mira em que se «o homem tem valor real, ao desembarcar num paiz como o nosso, de vastas reservas naturaes, tal valor como que decuplica.»

Galtou e Paget, entre outros, deixaram na fria, mas conveniente impassibilidade dos argumentos mathematicos, a demonstração irrefutavel das economias colossaes que se fazem, dos sacrificios espantosos que se pozpam com o abaixamento da mortalidade das populações.

Chamberlain dizia com eloquencia, ao parlamento inglez, que os modestos trabalhadores da prophylaxia e

da therapeutica faziam mais pela grandeza economica da Inglaterra do que os seus maiores industriaes, do que os seus mais notaveis estadistas.

A importancia dessa feição economica que o estudo da vida humana apresenta é tal, tão frisante, tão opulento de consequencias e applicações é elle, que Chadwick, num exaggero de especialista, chegou a ver no homem somente um capital em evolução, escrevendo que seria desejavel «os homens se considerassem e se deixassem tratar como materia em que se deposita um capital.

Nunca a funcção social do medico se impoz como na hora attribulada em que vivemos.

A ingenua confiança dos sabios e a irreductivel esperança dos philanthropos já entreviam a hora abençoada em que a asa branca da concordia se espalmaria abrigosamente sobre o trabalho fecundo, realizando na terra a felicidade paradisiaca do sonho biblico.

E, desmentindo todos os prognosticos, aniquilando todas as esperanças, estrugiu a guerra, a mais terrivel que nunca se viu no universo, hoje de todo sob as garras vulturinas dessa «calamidade composta de todas as calamidades, em que não há mal algum que ou não se padeça ou não se tema, nem bem que seja proprio e seguro».

Densa e fulminante cohorte de males se desencan-deou sobre o mundo civilizado.

Após tantos seculos de aperfeiçoamento, de civilização, as poderosas forças atavicas de novo empolgaram brutalmente os destinos humanos.

A minha adoração á paz, propicia á serena evolução

intellectual, não me fará pretender apagar a convicção de que ao lado dos incontáveis malefícios com que a catastrophe deve pesar, na consciencia dos que estão escrevendo as paginas sanguinolentas da historia dos nossos dias, a guerra tambem tem algumas vantagens, posto que pequenas, comparadas aos immensos males que produz. Não a desejo, nem a poderei amar, mas, fatalidade inevitavel, cumpre reconhecer-lhe algumas attenuantes, fracas mas perceptíveis. A observação mais aligeirada as denuncia.

O trabalho intellectual constante, pertinaz, ininterrupto de tantos centenarios não impediu que encontrassemos, ainda hoje, na mesma penosa incerteza, na mesma indecisão angustiante com que sob o c. o glorioso da Hellade, o enigma da significação, da direcção e da utilidade da vida humana tentou o espirito profundo dos maiores philosophos que o mundo tem tido. A sciencia moderna assestou os seus mais poderosos elementos de combate contra a orientação tradicional das primeiras soluções tentadas ao gravissimo problema e decretou as seus fundamentos della, provenientes das fontes da philosophia espiritualista. Mas os meios propostos para substitui-la ainda se não revelam com a sufficiente capacidade. Dahi este estado de sobresalto, de indecisão, de ansiedade, de duvida que agita e perturba o espirito da nossa epoca; dahi a tendencia utilitarista em exaggero do nosso seculo, que foi despojando pouco e pouco a alma humana da beleza das aspirações altruisticas mais elevadas, encerrando-a no horizonte acanhadissimo do egoismo mais estreito.

A scintella da guerra sarjoi de um fulgor estranho

e negrume desta epoca sem aspirações, sem ideaes. Os nossos olhos pasmados viram, num tempo de egoismo, o assombro das nobres abnegações para o bem commum, o prodigio do abandono prompto, completo, decidido de todos os interesses individuaes para o amor da familia, para as conveniencias superiores das nações, para os ideaes grandiosos da humanidade. Muitas vidas amolentadas, entibiadas na doce quietude do conforto, ou gastas no debilitante afan dos prazeres, ergueram-se transfiguradas, entregando-se em maravilhoso holocausto, para que a felicidade illuminasse a vida da raça triumphante. Nos paizes em que mais fundo penetrava a esterilidade do individualismo, em que mais forte rugia a sanha dos interesses personalissimos anarchizadores — eternos inimigos da ordem e disciplina social, — nos campos sagrados de batalha, ensopados do sangue generoso daquelles sacrificios, sublimes porque anonymos, entre o horror dos saques e dos incendios, brotou, cresceu, desabrochou a branca, a immaculada flor do heroismo; e as invictas qualidades da raça, irrompendo num movimento synergico de todas as consciencias, crearam prodigiosas possibilidades para a grandeza moral e futura do universo.

Mas, quando, um dia, a paz voltar ás regiões sacudidas neste tufão de desespero, maior desoluição que a dos lares desamparados, — maior que a das ruinas das cidades dantes florescentes, — que a das vidas preciosas destruidas em flor, — que a das obras do patrimonio universal desaparecidas, entulhadas para sempre nas escorias do barbarismo e da selvageria, — será a desolação dos milhões de nutilados, pobres mocidades,

dantes fortes, viçosas, e agora condemnadas ao horror da invalidez. E pesará sobre os destinos humanos um formidável problema economico, que já se pronuncia esmagadoramente, creado pela situação desses elementos de trabalho vigorosos e uteis que a guerra restitue inutilizados, incapazes. Attentae na percentagem, verdadeiramente phantastica, de mutilados que os escriptos médicos, na França como na Allemanha, assignalam; attendei a que essas avaliações são necessariamente ainda optimistas, e dizei-me se conheceis situação mais difficil para o futuro economico de um povo, do que esta de, arcando com todos os prejuizos da guerra, assumir a responsabilidade inteira de sustentar e prover improductivamente a todas as necessidades desses gloriosos mutilados.

E é á medicina que os Estados se dirigem para remover a difficuldade. E' della que os estadistas tudo esperam.

O ingenho inventivo dos medicos, na França como na Allemanha, na Inglaterra como na Austria, como na Italia, todo se concentra, todo se exhaure, para conseguir, pelos recursos da orthopedia, pelos artificios da mechanica, pelos cuidados da reeducação physiologica, que esses, que ergueram abnegadamente o nome muito amado da patria no campo da honra, se tornem novamente fontes de grandeza economica das collectividades em que vão viver.

E assim, da mesma feita, a medicina dá aos lares o sustento e a alegria, protege-os do desamparo e da fome, e á sociedade restitue factores que não perturbarão, antes irão concorrer para a sua evolução e para sua grandeza.

(Continúa)

Sociedade Medica dos Hospitaes

Sessão do dia 5 de Novembro de 1916

UM CASO DE COMA PALUSTRE.—O *Dr. João Frões* apresenta um paciente que entrára para o seu serviço clinico em estado pleno de *coma*, levado pela *Assistencia*.

Não havendo a menor informação a respeito do enfermo, examinou-o perante os alumnos do 5.º anno que acompanham a sua clinica, aproveitando o caso para o diagnostico differencial entre os estados comatosos.

O exame hematoscopico, immediatamente feito, denunciou prodigiosa copia de hematozoarios de *Laveran* (formas em crescente e pequeninos anneis da tropical) e fez-lhes para logo comprehender a gravidade do caso clinico e o *modus faciendi* do estado comatoso observado.

Allude á particularidade da multiplicação asexuada endovisceral da *laverania procox* (*schizogonia*), á sua quinino-resistencia e á faculdade nefasta de adherirem os erythrocytos parasitados ás paredes internas dos capillares, o que tudo, de par com as toxinas renovadas a cada nova esporulação, concorria para restringir o calibre dos capillares cerebraes produzindo o estado de apraxia em que se achava o paciente.

Sem perda de tempo foram applicadas injecções intra-venosas de quinoformio, na dose de duas grammas por dia em quatro vezes, além da medicação cardiotonica que era indicada.

O doente foi visto em estado de coma pelos illustres collegas Prof. *Clementino Fraga* e Drs. *Mauricio de Abreu* e *Alberto Cunha*, representantes da Saude Pu-

blica do Rio de Janeiro e em visita de inspecção ás repartições federaes da *Saude dos portos* no norte do Brazil.

Ao cabo de dous dias de tractamento, o coma se transformou em topor e este no terceiro dia, em somnolencia; quando se conseguia manter desperto o enfermo durante poucos minutos, lançava elle em torno o olhar inexpressivo, mas não comprehendia o que se lhe perguntava, nem podia falar (*aphemia*).

No quarto dia, após a sua recepção na clinica conseguia articular algumas palavras, mas com manifesta dysarthria e somente depois de laboriosa comprehensão daquillo que se lhe perguntava.

E foi então que informou ter tido *sezões* em Olaria, de onde se transferira para a Ribeira de Itapagipe e de onde o trouxeram, não sabia como nem porque, para o Hospital.

Queixou-se á nossa quinta visita, que estava muito mal e muito desanimado, porque em vão tentára levantar-se da cama, conseguindo apenas mover as pernas e com difficuldade evidente, o que foi verificado.

Progredindo, dia a dia, as melhoras, pôde o doente andar, mas de modo incerto e vacillante, zigzagueando como um cerebellar, a cabeça pendente para deante, o olhar vago, os braços distendidos ao longo do tronco e as pernas afastadas para atargar a base de sustentação attitude esta que o orador já comparára anteriormente, de referencia a um outro doente de *neuropaludismo com aphemia* á postura do boi caçado.

Como succedera em sua anterior observação, este doente tambem apresentou bradycardia (40 pulsações

radiaes por minuto) e augmento do volume esplenico, relativamente pouco accentuado.

As melhores gradativas chegaram ao termo definitivo da cura completa — uma verdadeira resurreição — como foi bem apreciado pelos presentes á sessão, perante os quaes andou desembaraçadamente o paciente respondendo com precisão e presteza a todos as indagações feitas.

Foi este o quarto caso de aphemia evidentemente palustre observado pelo orador e com a respectiva documentação microscopica.

Recorda um outro caso de coma palustre, observado no corrente anno em sua clinica e em que a virulencia morbida levou os lampos aos esforços therapeuticos; feita a necropsia no Instituto Nina Rodrigues, foram encontrados hematozoarios de Laveran não só nos esfregaços do baço como tambem nos da substancia cerebral. Lembra que as preparações foram apresentadas á Sociedade em uma de suas sessões anteriores.

— O Dr. Canna Brasil é proposto representante da « Sociedade Medica dos Hospitaes », no Congresso Medico de S. Paulo, e acceto unanimente.

Em seguida o Prof. C. Fraga dirige ao eminente Prof. Rodrigues Lima palavras de congratulações pela sua honrosa presença á sessão e a saude em nome da Sociedade.

Agradecendo, o digno Prof. Rodrigues Lima felicita a Bahia pelo desenvolvimento notavel de sua medicina, flagrantemente percebido através das bellas e curiosas communicações, que acabava de ouvir.